

**EDUCAÇÃO E ALIENAÇÃO NA RELAÇÃO COM O IMEDIATISMO E O
PRODUTIVISMO ACADÊMICO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL**

**EDUCATION AND ALIENATION IN RELATION TO IMMEDIACY AND
ACADEMIC PRODUCTIVISM: A POSSIBLE DIALOGUE**

**EDUCACIÓN Y ALIENACIÓN EN RELACIÓN CON LA INMEDIATEZ Y EL
PRODUCTIVISMO ACADÉMICO: UN DIÁLOGO POSIBLE**



10.56238/edimpecto2025.090-037

Davi Amancio de Souza

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

E-mail: daviamancio95@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7439-2893>

RESUMO

O artigo a seguir apresenta uma análise sobre a relação entre, educação e alienação, e o produtivismo acadêmico enquanto um trabalho realizado por pessoas que embora sendo responsáveis por esse trabalho estão separadas dele. Dois aspectos foram levados em consideração para estabelecer esse paralelo, em primeiro lugar porque o ato de escrever textos científicos, se constitui em uma atividade laboral, nesse sentido esse trabalhador/a está empreendendo esforço, a exemplo da força de trabalho exercida na indústria, guardadas as devidas especificidades. Em segundo lugar, porque essas pessoas podem estar alheias ao produto do seu trabalho. Mas consideramos também, que assim como o trabalhador alienado não se reconhecia naquilo que fazia, o trabalho lhe era estranho, as produções desprovidas de senso crítico, seguem a rapidez própria de uma linha de produção na indústria atendendo ao modo de produção próprio do sistema capitalista, e por essa razão se torna um trabalho desprovido de senso crítico. Corrobora para essa análise, a reflexão sobre o tema II da redação UESB, 2013, do vestibular da UESB, que trazia o título, “razão em coma”, e tratava da perda dos valores e da cultura, apresentando como objetivo a elaboração de um texto crítico de caráter dissertativo enfocando a relação entre, “imediatismo, a falta de reflexão da sociedade contemporânea e sua consequente desvalorização da cultura”. Desta forma inferimos que o imediatismo já vem sendo objeto de atenção na academia. O método usado para capturar o fenômeno, foi o materialismo histórico de Marx, e de forma específica uma categoria basilar desse método; alienação do trabalho, sendo este ponto do conceito encontrado nos Grundrisse, (esboços), e na obra, a ideologia alemã. O texto ainda apresenta o conceito de marginalidade em Saviani, no sentido de pensar sobre quem fica a margem na educação superior hoje. Finalmente, o texto apresenta o conceito de intelectual, considerando o papel social do intelectual como aquele/a que se implica com as demandas inerentes ao nosso tempo.

Palavras-chave: Alienação. Imediatismo. Produtivismo.

ABSTRACT

The following article presents an analysis of the relationship between education and alienation, and academic productivism as work carried out by people who, although responsible for this work, are separated from it. Two aspects were considered to establish this parallel: firstly, because the act of writing scientific texts constitutes a labor activity; in this sense, the worker is undertaking effort, similar to the labor force exerted in industry, with due regard to specificities. Secondly, because these people may be alienated from the product of their work. But we also consider that, just as the alienated worker did not recognize themselves in what they did, the work was foreign to them, productions devoid of critical sense follow the speed inherent in an industrial production line, serving the mode of production inherent in the capitalist system, and for this reason, it becomes work devoid of critical sense. Supporting this analysis is the reflection on theme II of the UESB 2013 entrance exam essay, titled "Reason in a Coma," which dealt with the loss of values and culture, aiming to produce a critical essay focusing on the relationship between "immediacy, the lack of reflection in contemporary society, and its consequent devaluation of culture." Thus, we infer that immediacy has already been the subject of attention in academia. The method used to capture the phenomenon was Marx's historical materialism, and specifically a fundamental category of this method: alienation of labor, a concept found in the Grundrisse (outlines) and in the work, The German Ideology. The text also presents Saviani's concept of marginality, in the sense of considering who is marginalized in higher education today. Finally, the text presents the concept of intellectual, considering the social role of the intellectual as one who engages with the demands inherent to our time.

Keywords: Alienation. Immediacy. Productivism.

RESUMEN

El presente artículo analiza la relación entre educación y alienación, y el productivismo académico como trabajo realizado por personas que, si bien son responsables de él, se encuentran separadas de la obra. Para establecer este paralelismo, se consideraron dos aspectos: primero, que la redacción de textos científicos constituye una actividad laboral; en este sentido, el trabajador realiza un esfuerzo similar al de la fuerza laboral empleada en la industria, con las debidas particularidades. Segundo, que estas personas pueden estar alienadas del producto de su trabajo. Pero también consideramos que, así como el trabajador alienado no se reconocía en lo que hacía, sino que el trabajo le resultaba ajeno, las producciones desprovistas de sentido crítico siguen la velocidad propia de una línea de producción industrial, al servicio del modo de producción inherente al sistema capitalista, y por ello, se convierten en trabajo carente de sentido crítico. Este análisis se ve respaldado por la reflexión sobre el tema II del ensayo del examen de ingreso a la UESB de 2013, titulado «La razón en coma», que abordaba la pérdida de valores y cultura, con el objetivo de producir un ensayo crítico centrado en la relación entre la inmediatez, la falta de reflexión en la sociedad contemporánea y su consiguiente devaluación de la cultura. De este modo, inferimos que la inmediatez ya ha sido objeto de atención en el ámbito académico. El método utilizado para captar este fenómeno fue el materialismo histórico de Marx, y específicamente una categoría fundamental de este método: la alienación del trabajo, concepto presente en los Grundrisse (Esquemas) y en la obra La ideología alemana. El texto también presenta el concepto de marginalidad de Saviani, en el sentido de considerar quiénes se encuentran marginados en la educación superior actual. Finalmente, el texto presenta el concepto de intelectual, considerando el rol social del intelectual como aquel que se enfrenta a las demandas inherentes a nuestro tiempo.

Palabras claves: Alienación. Inmediatez. Productivismo.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história foram atribuídos vários sentidos a palavra alienação, desde loucura, alienação parental, e para além disso no segmento empresarial pode indicar um bem que antes de ser quitado está alienado da pessoa que o comprou, dessa forma o termo já assumiu vários sentidos. No livro história da loucura, o louco é descrito como alienado, e de acordo com o filósofo Michel Foucault, essa loucura era caracterizada ora por uma exaltação delirante, outras vezes pelo uso de uma autoridade absoluta;

O vigilante de um hospício de alienados que conseguiu ascendência sobre eles dirige e regulamenta seus comportamentos à vontade; deve ser dotado de um caráter firme e ostentar na ocasião um aparelho imponente de seu poder. Deve ameaçar pouco, mas executar, e, se for desobedecido, a punição deve vir de imediato. (Foucault, 1972, p. 549).

De acordo com Serra (2003), o vocábulo tem origem no latim, do verbo alienare, com o significado de tornar-se estrangeiro, hostil; ainda existe o substantivo alienatio, que traz o sentido de separação, dissociação, hostilidade ou tornar-se alheios a si mesmo. Mas revisitando a história é possível encontrar vários sentidos para a palavra alienação, entretanto ela sempre estará relacionada ao humano e para algum aspecto da vida em sociedade. Embora nosso objeto primordial de pesquisa nesse texto seja o conceito de alienação na perspectiva de Karl Marx (2004), seu idealizador não podemos deixar de mencionar outras áreas onde o mesmo termo aparece, embora com sentidos distintos, conforme veremos ainda a seguir:

A palavra alienação vem do latim alienus, que veio a dar “alheio”, significando "o que pertence a um outro". No domínio do direito, a alienação designa o ato de transferência da posse ou do direito de propriedade de alguma coisa para outrem, seja por doação seja por venda. No domínio da psiquiatria, a alienação era, até há algum tempo – há hoje tendência para abandonar o termo - sinónimo de doença mental grave, envolvendo a perda da noção quer da identidade pessoal quer da realidade. (Serra, 2003, p. 05).

Já para o filósofo e sociólogo Karl Marx (1818-1883), algumas categorias de análise se tornaram fundamentais para a construção da sua doutrina política que ficou conhecida, marxismo que teve como pilar principal o materialismo histórico dialético. Se para Feuerbach (1843), só a matéria existia, portanto, a vida estava subordinada a esse pressuposto, Marx (1985), no entanto introduz a dialética no seu materialismo, e com base no pensamento dialético ele desenvolve a sua crítica da economia política.

Partindo dessas formulações temos algumas categorias que são basilares para a teoria social marxistas, dentre elas destacamos trabalho e alienação. É válido lembrar, que alienação na perspectiva marxista será diferente da forma como o conceito era tratado anteriormente, agora esse autor desloca o foco do indivíduo, e apresenta uma perspectiva social.



Para dar ênfase a importância da categoria trabalho, o autor chega a tomar o exemplo da aranha para estabelecer a distinção do trabalho humano. Para ele, uma aranha ou uma abelha, por melhor que seja em seu trabalho e mais bem sucedida, não se compara ao trabalho humano, pois esse último é feito de forma consciente, podendo ser criativo e orientado para a um fim:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente. (Marx, 1985-a, p.149-150).

Já, alienação enquanto conceito, em seus quatro pontos elaborados por Karl Marx (2004), possibilitou ao sociólogo a formulação de uma teoria social que de forma resumida seria: Uma análise sobre o homem no contexto multifacetado do capital que se aliena em relação ao produto do seu trabalho e quanto a sua própria essência e espécie.

De acordo com Sell (2013), Marx desenvolveu o conceito de “alienação” e expôs em sua obra literária “Manuscritos Econômicos-filosóficos”, ou “Cadernos de Paris”, uma obra que embora tenha sido lançada em 1844, portanto, ainda na sua juventude, só seria conhecida por um público maior a partir de 1932. Nessa obra Marx transforma alienação em uma categoria de análise considerando alguns aspectos, dentre eles o mais conhecido que é o trabalho estranhado conforme veremos a seguir:

Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador um poder estranho está diante dele, então isto é possível pelo fato do produto do trabalho pertencer a um outro homem fora do trabalhador. Se sua atividade lhe é martírio, então ela tem de ser fruição para outro e alegria de viver para um outro. (Marx, 2004 p, 86).

Este outro, a quem esse trabalhador estava submetido era personificado pelo explorador integrante da classe Burguesa que desfrutava da alegria de uma vida opulenta fruto do sofrimento dos explorados. Entretanto, embora o conceito de alienação conforme formulado por Marx (2004) esteja relacionado ao ser humano e a sua relação com o mundo do trabalho, e a exploração que este estava submetido pela classe dominante, nas linhas que se seguem, trataremos da alienação e a sua interface com o produtivismo acadêmico, a produção de textos científicos durante a pós graduação, para publicação em revistas, periódicos ou capítulo de livros e outros.

2 COMO SURTIU O INTERESSE PELA PESQUISA

Essa análise tem início ao refletir sobre o tema II da redação para o vestibular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB no ano de 2013 que apresentava no enunciado, “razão em coma”, e embora tratasse da importância da preservação da memória, e dos valores culturais existentes em



uma sociedade já trazia a proposta da escrita de um texto dissertativo sobre o tema, “o imediatismo e a perda da reflexão da sociedade contemporânea”, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 1

TEMA II: Razão em coma	Texto
<p>“Pobres bibliotecas vazias sem títulos e sem Borges. O tempo, indiferente ao jogo dos relógios, não é mais dos livros. O saber é um desconforto de uma civilização que vive ao redor do imediato e humilha a memória”.</p> <p>(ALMANDRADE. Razão em coma. <i>Malabarismo das pedras</i>: poemas, edições MAC. Feira de Santana-BA, 2010. In: <i>A Tarde</i>, Salvador, 1º nov. 2012. p. 2.)</p> <p>*Jorge Luís Borges - escritor argentino de renome-internacional.</p>	<p>[...] Museus e outras instituições passam a ser casas de hospedaria de eventos, exposições, espetáculos e entretenimentos e deixam de exercer suas funções de promover enunciados críticos. A programação e a construção de seu acervo ficam à mercê de apoio pontual. O que define a pauta é a garantia de patrocínio e não a qualidade do que deve ser mostrado, comprometendo a liberdade, a sustentabilidade e a função da instituição.</p> <p>(ALMANDRADE. A cultura da política cultural. <i>A Tarde</i>, Salvador, 1º nov. 2012. p. 2)</p>

Fonte: https://www.educabras.com/redacao/pormenor/vestibular/redacao_uesb_2013. acesso em: 25/07/2025.

Partindo desse enunciado, o desafio era produzir um texto que abarcasse esse fenômeno conforme a proposta da prova de redação e explicitado a seguir: “A partir da leitura do poema e do fragmento em evidência, escreva um texto dissertativo, enfocando criticamente a relação entre o imediatismo e a falta de reflexão da sociedade contemporânea e a consequente desvalorização da cultura”. Assim estava posto o enunciado da prova de redação do vestibular da UESB de 2013.

Ao longo dos cinco anos que se seguiram durante a graduação, foi possível observar que em diversos cursos na universidade, esse fenômeno, que já era objeto de atenção em 2013, se tornava cada vez mais crescente, não somente o imediatismo e a falta de reflexão da sociedade contemporânea, como a perda gradativa da nossa memória enquanto povo brasileiro, reverberando no declínio dos valores culturais.

Por outro lado, na contramão desse imediatismo está a paciência que demanda uma pesquisa científica. Nesse sentido, desatacamos que estudar não apenas dá trabalho, mas é um trabalho, embora o conceito de trabalho no contexto brasileiro ainda aparece distante do exercício laboral que demanda uma pesquisa, e por essa razão ainda é possível se ouvir perguntas como, “você trabalha, ou só estuda?”

Mas, para além do exaustivo e as vezes penoso do trabalho que demanda uma pesquisa científica, envolvendo leitura e interpretação, ainda existe a necessidade de letramento que diferente



de alfabetização, é a capacidade de fazer leituras com base em um senso crítico linkando com a realidade do leitor, mesmo que sejam de autores distantes cronologicamente, ou extemporâneo ao pesquisador.

A esse exercício reflexivo próprio de uma educação que estimula os alunos a desenvolver um pensamento crítico, aliado a essa análise da causalidade dos fatos no sentido de estabelecer possíveis correspondências, (Paulo Freire, 1967), classificou como, “emersão popular”. Mas, de acordo com o autor se o aluno/a apenas reproduz conteúdo, esse protagonismo estará comprometido, conforme a seguir: “Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação”. (Freire 1967, p. 93).

Partindo dessa consciência da responsabilidade enquanto aquele que aprende, e apreende a realidade que nos atravessa, surgiu a inquietação para a produção desse texto que versa sobre educação e alienação, e se inscreve no contexto de uma crítica da educação política no contexto brasileiro com base em uma análise sobre o imediatismo e o produtivismo acadêmico, na interface com o conceito de alienação do trabalho na perspectiva marxista.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa teve suas bases construídas sob a epistemologia do Materialismo Histórico Dialético-MHD, de Marx & Engels (1848), partindo do entendimento de que esse método permite uma abordagem da realidade social, então este deve ser observado, tal como concebido na proposta marxiana, tomando as sociedades em seus desdobramentos considerando a materialidade humana nos seus pontos de convergências, mas também, seus entraves e pontos de tensão inerentes a ela. Isto foi pensado aqui não de maneira fragmentada, nesse sentido o trabalho discente será concebido como parte de uma totalidade concreta composta de múltiplas determinações sociais.

Ao optar por esse método como fio condutor da pesquisa conforme será objeto de reflexão nas páginas que seguem, cumpre-nos o dever de não apenas investigar ou interpretar a realidade que se apresenta, mas, contribuir para a resistência a qualquer tipo de alienação do ser humano imposta pelo sistema capitalista vigente, conforme era o desafio proposto por Marx & Engels no século XIX, conforme a seguir; “Os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata agora é de transformá-lo” (Marx-Engels, 1998, p. 103). Assim, a natureza da pesquisa aqui delineada se insere dentro dos pressupostos marxistas.

É válido destacar que, essa dificuldade de abstração, em relação as demandas inerentes a sociedade, na sua relação com períodos históricos importantes como o contexto da revolução industrial que será analisado mais à frente no texto, evidenciam que existe uma certa dificuldade de letramento filosófico que pode ter como pano de fundo esse imediatismo, frente a pressão por se aumentar cada



vez mais o número de produções especialmente no âmbito das pós graduações. Quanto ao tempo que esse produtivismo vem ocorrendo, destacamos que isso não é relativamente recente, visto que mesmo antes da pandemia, já estávamos atravessados por esse fenômeno, mas tudo isso tem se tornado apenas mais evidente a cada dia.

Em 2010, portanto antes da pandemia, o filósofo Byung-Chul Han, já estava refletindo sobre essa pressão por desempenho, e assim denominou de, “sociedade do cansaço”, nessa obra o autor reflete sobre a transição da sociedade disciplinar descrita por Michel Foucault (1975), para a sociedade do desempenho, onde o controle não se dá mais pela via da repressão, mas da pressão por competitividade, o autor lembra que essa nova ordem social tem convergido para o cansaço, ao esgotamento pelo trabalho, e até depressão, e o autor conclui a partir dessa análise que essa inquietação não gera nada de novo, conforme a seguir; “Pura inquietação não gera nada de novo de novo, só acelera e reproduz o já existente”. (Han, 2010, p. 19).

Dois fatores contribuem para isso, no contexto da universidade brasileira na atualidade, em primeiro lugar temos um déficit de leitura e ainda interpretação que tem início em muitos casos na educação básica, reverberando no ensino superior. Mas para além disso, os mecanismos que regulam a formação acadêmica hoje no Brasil, pois ainda levam em consideração o número de produção de trabalhos publicados por alunos/as que pleiteiam uma titulação. Soma-se a isso o fato de que existe a pressão por produzir, para que se possa atender a uma determinada cota mínima de produções, no sentido de se manter na corrida das titulações, e inferimos que isso tem favorecido o fenômeno do produtivismo acadêmico.

Partindo desse princípio, é possível afirmar que essa pesquisa traz consigo também um caráter exploratório, porém não apenas no sentido de descrever aquilo que foi encontrado, no contexto do produtivismo acadêmico, mas inquirir a qual realidade isso nos remete.

Desse modo, foi necessário fazer um desvio daquilo que é aparente, para a pensar na realidade: “o mundo fenomênico tem na sua estrutura, uma ordem própria, uma legalidade própria que pode ser revelada e descrita. Mas a estrutura deste mundo fenomênico ainda não capta a relação entre o mundo fenomênico e a essência” (Kosik 1969, p. 11). Nesse sentido, o objetivo desse texto é fugir da aparência que pode apresentar a quantidade como reflexo da qualidade, e pensando no contraditório, partir para descobrir a relação entre o conceito de alienação do trabalho, e o imediatismo no contexto do produtivismo acadêmico, e a qual realidade isso corresponde.

4 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL COMO FENÔMENO DE TRANSIÇÃO

Por mais que as produções literárias tratem da revolução industrial que teve início na Inglaterra no século XVIII, se tornando um fenômeno que se espalharia pelo mundo provocando mudanças radicais na forma como as sociedades viviam, causando várias transformações econômicas e sociais,

parece que ainda há muito que se dizer sobre uma transição que deixariam suas marcas nas sociedades posteriores. Dentre elas, a forma como as sociedades produziam suas riquezas, bem como se relacionavam com os bens de consumo, foi inevitável assim a passagem da manufatura para os produtos da indústria, é nesse contexto que Engels (1975), vê o proletário vendendo força de trabalho na Inglaterra onde chegavam a ser tratados como animais;

Por isso, não é de espantar que os trabalhadores, que são tratados como animais, se transformem em verdadeiros animais, ou então tenham, para salvaguardar a sua consciência de homens e o sentimento de que são seres humanos, apenas o ódio mais feroz, uma revolta interior permanente contra a burguesia no poder. (Engels, 1975, p. 107).

É válido inferir sobre a possibilidade de que exista uma nova burguesia atuando na educação tal como com era com a classe trabalhadora no âmbito da indústria. Partindo dessa perspectiva, destacamos que assim como a produção literária já foi forma manufaturada ao longo da história, pois tínhamos longos textos manuscritos produzidos de forma artesanal.

A seguir tivemos o advento da imprensa, em seguida o processo da escrita passa por uma verdadeira revolução ao longo da história, da mesma forma a transição da manufatura para a indústria, trabalho que se levavam dias ou meses para se fazer, agora se faz em poucas horas, contudo essa rapidez pode convergir para alienação, conforme na imagem abaixo;

Figura 1 e 2



Fonte: Tempos modernos. <https://www.google.com/search?sca.aceso> em; 28-07-2025.



Essas transformações econômicas e sociais, provocariam mudanças irreversíveis envolvendo diretamente a gestão organizacional do trabalho, assim a luta do ser humano contra o tempo estava posta. Por outro lado, posteriormente já não daria pra saber se o homem controlava a máquina ou a máquina controlava o homem, mas para além disso existia uma relação de subordinação ao capitalista que cuidava para que a esteira do sistema não parasse de funcionar tendo como força motriz o ser humano:

Em Tempos Modernos, os operários são apenas apêndices do sistema de máquinas, uma mera engrenagem, representada na cena clássica dos operários sendo engolido pela máquina. É a dimensão da objetividade estranha e fetichizada, pois a máquina, ou mais propriamente, o sistema da máquina, é a própria representação do fetiche que se impõe sob o comando do capitalista como persona do capital. (Alves, 2005, p. 70).

Mas não apenas isso, o trabalho que deveria produzir senso de realização como uma característica fundante do ser humano, agora produzia angústia, a isso Marx classificou como, alienação do trabalho, era um trabalho produzido pelo homem, mas ao mesmo tempo separado dele, conforme a seguir:

O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto sacrifício, de mortificação. Filialmente, a externalidade do trabalho aparece para o trabalhador como se o trabalho não fosse seu próprio, mas de um outro, como se o trabalho não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. (Marx, 2004, p. 83).

Mas essa alienação do trabalho na perspectiva do seu proponente Karl Marx (2004), não é algo proveniente da subjetividade humana, ou um transtorno mental, antes na perspectiva marxista, alienação do trabalho é uma produção social, esse alienado é precedido por aquele que o aliena, nesse caso era o capitalista.

Nesse caso, o paralelo entre o sistema de produção na indústria com sua linha de montagem e essa nova linha de produção naquilo que poderíamos classificar com uma indústria da educação com mecanismos próprios de regulação de produção;

O paroxismo desse processo, em uma materialização de teorizações e experimentos, é alcançado com a inovação representada pela “esteira rolante” ou “linha de montagem” fordista. Com esta, definitivamente, os tempos e movimentos dos trabalhadores passaram a ser comandados por mecanismos externos, independentemente das características e peculiaridades de cada trabalhador. Portanto, o produtor é duplamente alienado: do processo e do produto de seu trabalho. [...] Não podemos deixar, contudo, de remeter à emergência do *publish or perish*, (publique ou pereça), na universidade, em um contexto industrial/ empresarial em que esse *modus operandi* havia sido forçosamente naturalizado. Seja por esse quadro de fundo cristalizado no mundo da produção, seja pela cada vez mais fluida relação entre universidade e empresa, seja imposta em função dos *rankings* – com recompensas e punições –, fica mais fácil de compreender, embora difícil de aceitar, como e por que o *publish or perish* adentra a academia. (Bianchetti, et, al, 2018, p. 24)



Partindo dessas formulações envolvendo o imediatismo no contexto do produtivismo acadêmico, e o conceito de alienação do trabalho na perspectiva marxista, inferimos sobre a possibilidade de que as pesquisas produzidas cada vez mais de forma aligeiradas, além de se ter uma perda na reflexão sobre aquilo que é produzido, ainda podem servir para retroalimentar a esteira de um sistema, convergindo assim para se configurar como um trabalho alienado, produzindo angústia ao invés de prazer, e para além disso um trabalho desprovido de reflexão ou senso crítico sobre aquilo que se produz.

É válido destacar que esse fenômeno em relação ao modo de produção no âmbito da universidade não é novo, ao revisitar a história da educação superior no Brasil, quando pesquisamos as leituras que tratam da falta de exercício reflexivo na contemporaneidade, é possível perceber que isso era algo que já vinha sendo discutido por Anísio Teixeira (2010), pois em tempos atrás, o autor já fazia um alerta sobre esse modo de produção na universidade como algo contrário ao que deveria conduzir o processo educacional. De acordo com o autor, a universidade não poderia se restringir a uma visão utilitarista de formação profissional ou difusão de conhecimentos. “A função da universidade é formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada” (Teixeira, 2010, p. 33).

Contribui pra isso, o fato de que no contexto brasileiro existe algo que era próprio do segmento empresarial e que adentrou a educação no contexto brasileiro que é, controlar, e otimizar a produção para a obtenção de metas; “Tal como na “empresa”, os processos educativos têm que ser “padronizados” e submetidos a “controle”. (Freitas, 2018, p. 29). Assim as escolas precisam melhorar seus índices de desenvolvimento escolar, com vistas a ocupar os primeiros lugares nas estatísticas da educação.

Partindo dessa espécie de competição na busca por uma escola melhor, ou por melhores índices, perde-se a paciência necessária para o desenvolvimento do pensamento crítico, indispensável para compreender a complexidade da vida moderna, tarefa que se constitui em um desafio conforme a seguir,

“O desafio moderno é sobretudo este: conseguir que todos os homens adquiram a disciplina intelectual de pensamento e estudo que, no passado, conseguimos dar aos poucos especialistas dotados para essa vida intelectual”. O conhecimento e a vida adquiriram complexidade tamanha que só uma autêntica disciplina mental poderá ajudá-lo a se servir da ciência, a compreender a vida em sua moderna complexidade e amplitude e a dominá-la e submetê-la à uma ordem humana”. (Teixeira, 1977, p. 103).

Nesse sentido, o exercício crítico acerca de uma pesquisa se torna incompatível com um processo educacional alienado naquele/a que produz no âmbito das ciências sociais. Por essa razão, o entendimento de que existe um trabalho desenvolvido por aqueles/as que estão na condição de



educando/as, seja na educação básica, ou na universidade, é importante para entender o conceito de alienação do trabalho, na interface com a educação.

Assim, as produções científicas no âmbito da universidade, estão apresentadas aqui não apenas como o ato de aprender, mas sim como uma atividade laboral que demanda paciência, esforço físico e mental, não muito diferente na sua essência em relação ao trabalho que era realizado na indústria no século XIX, dentro do contexto europeu, tendo a possibilidade de igualmente estar alienado daquele/a que o produz.

Considerando-se o exposto, temos uma nova linha de produção, textos acadêmicos que são produzidos em grandes quantidades com tempo prefixados para a entrega em suas respectivas bases, mas esse trabalho pode estar separado daquele que o produz, tanto quanto o trabalho da indústria, e ainda produzir angústia e sofrimento;

A compressão espaço-temporal, própria da sociedade atual e exigida pela economia mundial sob o predomínio do capital financeiro, exige a compressão do tempo epistêmico e neurológico do pesquisador, produzindo, nele, muito sofrimento. Esta situação aliena o ser humano trabalhador na universidade. Seu trabalho é fantasticamente voltado para a busca de resultados comercializáveis. (Bianchetti, et, al, 2018, p. 12).

Em face do exposto, é possível que ao exacerbar na quantidade estejamos perdendo a qualidade das nossas produções em razão da falta de reflexão sobre aquilo que produzimos, afinal nem é possível nos deter em um determinado tema porque já temos que produzir novos artigos, capítulos em livros a fim de deixar o lattes mais robusto atendendo assim o barema de títulos de um edital, e assim tornar-se apto a competir.

Isso nos remete ao conceito de marginalidade abordado por Saviani (2008), ao tratar daqueles que não estavam aptos para permanecer na corrida da educação, mas que agora já não são mais os anormais, ou desajustados como era classificado na pedagogia tradicional, mas a pedagogia nova traz um novo conceito de marginalidade que já não tinha parâmetros biopsicossociais, mas apresentava outra forma de compreender a marginalidade;

A pedagogia nova começa, pois, por efetuar a crítica da pedagogia tradicional, esboçando uma nova maneira de interpretar a educação e ensaiando implantá-la, primeiro, por intermédio de experiências restritas; depois, advogando sua generalização no âmbito dos sistemas escolares. Segundo essa nova teoria, a marginalidade deixa de ser vista predominantemente sob o ângulo da ignorância, isto é, o não domínio de conhecimentos. O marginalizado já não é, propriamente, o ignorante, mas o rejeitado. Alguém está integrado não quando é ilustrado, mas quando se sente aceito pelo grupo e, por meio dele, pela sociedade em seu conjunto. (Saviani, 2008, p. 45-46).

Mas de acordo com o autor, essa conceito de escola nova que surgiu no século XIX, com críticas a escola tradicional, e com a proposta de uma nova abordagem progressiva, lançava um marco em 1932, que foi o manifesto dos pioneiros, documento que consolidava a proposta desse novo conceito



de escola, apresentando entre outras coisas a perspectiva de uma escola livre dos problemas em relação a discriminação social na educação e detentora das virtudes inerentes a democracia, acabou se tornando ineficaz em relação a questão da marginalidade, e revelando sinais de exaustão conforme a seguir:

Ao findar a primeira metade do século XX, o escolanovismo apresentava sinais visíveis de exaustão. As esperanças depositadas na reforma da escola resultaram frustradas. Um sentimento de desilusão começava a se alastrar nos meios educacionais. A pedagogia nova, ao mesmo tempo que se tornava dominante como concepção teórica - a tal ponto que se tornou senso comum o entendimento segundo o qual a pedagogia nova é portadora de todas as virtudes e de nenhum vício, ao passo que a pedagogia tradicional é portadora de todos os vícios e de nenhuma virtude —, na prática revelou-se ineficaz em face da questão da marginalidade. (Saviani, 2008, p. 48-49).

Esse breve recorte histórico nos interessa na medida em que dialoga com a nossa reflexão em relação produtivismo, no tocante a uma nova marginalidade que alcança agora o ensino superior, na medida em que aqueles que não produzem já ficam a margem da corrida na educação visto que a lógica do sistema é produzir, ainda que nem se saiba exatamente o que foi produzido, para que, ou por quem foi produzido. Essa lógica que atende aos interesses do sistema capitalista na educação, é objeto da crítica contida no livro, “publique, ou pereça, conforme a seguir:

Atualmente, um dos exemplos mais gritantes, dentre tantas polarizações, materializa-se na expressão “publique ou pereça”, transformada em uma espécie de mantra daquilo que acontece no contexto acadêmico, em termos de criação e veiculação do conhecimento, seja por parte daqueles que exigem produção, seja daqueles que são pressionados a publicar, seja, ainda, dos editores das revistas científicas e de outros envolvidos nesse processo, como é o caso dos pareceristas. (Bianchetti, et, al, 2018, p. 26).

Mas os autores que tecem essa crítica ao modelo de produção especialmente no contexto das pós graduações no brasil, indagam sobre o papel dos intelectuais na esfera desse produtivismo acadêmico, considerando que uma das tarefas dos intelectuais é pensar, dialeticamente refletindo e inquirindo sobre os problemas reais do seu tempo, Essa é a concepção dos autores sobre o papel do intelectual do nosso tempo, já não é mais portanto aquele que estava alinhado aos interesses da nobreza ou do clero, mas alguém comprometido com as causas sociais do seu tempo:

De fato, os intelectuais sintonizam com as características de cada época. Isto é, em cada momento, em cada conjuntura ou situação, a sociedade manifesta maior ou menor sensibilidade diante de certos valores, e das necessidades que a sociedade de seu tempo prioriza. Em outras palavras: a intervenção dos intelectuais na sociedade não decorre de alguma função natural desta categoria de homens, nem é consequência de uma lógica interna ao trabalho científico, artístico e técnico. (Bianchetti, 2018, p. 67).

Isto posto, este texto se propõe a ter essa prerrogativa de refletir sobre o conceito de alienação do trabalho em Marx (2004), considerando que nesse produtivismo acadêmico no qual especialmente os programas de pós graduações no contexto brasileiro estão inseridos. E para além disso, sem perder



de vista que essa pressão por produzir mais, e cada vez mais, não apenas pode comprometer a nossa capacidade de reflexão, mas pode levar consigo a saúde desse trabalhador que pode se encontrar exaurido por ter que atender a pressão por produzir. “Enfim, passa-se a exigir mais produtividade com tanta pressão que, gradativamente, essa ganha o epíteto de “produtivismo”, denominação com características negativas de um processo no qual a tendência é a quantidade subsumir a qualidade”. (BIANCHETTI, 2018, p. 24-25).

Entretanto, apesar da importância de um diálogo dessa natureza, relacionando o conceito de alienação do trabalho, com o produtivismo acadêmico, é válido dizer que esse artigo não visa estabelecer oposição as agências de fomento a educação que exercem um papel importante na educação no Brasil, e dentre elas poderíamos destacar, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos). Reiteramos, que estas instituições desempenham um papel crucial no apoio à pesquisa, pós-graduação e inovação no país, além de atuarem na formulação de políticas e programas de educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, esse artigo se inscreve na ordem de um texto construído para fomentar a reflexão em torno do binômio, alienação do trabalho na perspectiva marxista em sua relação com o imediatismo no contexto do produtivismo acadêmico considerando que nesse modo de produção com viés capitalista, ocorre uma perda da capacidade de reflexão em torno de temas que são importantes na atualidade.

Para além da perda da reflexão em torno daquilo que se produz, está em jogo a saúde desse trabalhador da educação que pode estar em franco processo de esgotamento pelo trabalho, se pensarmos que esse coletivo por vezes ainda tem que conciliar as demandas pessoais que podem ser das mais variadas, com as demandas acadêmicas. Isso naturalmente tem um custo, na saúde que pode ser cobrado a médio ou longo prazo, mas que ele/a não passará imune a isso.

Com base nisto, é possível que esse texto alcance relevância social por estar pensando na alienação do trabalho não apenas como uma produção social, mas como algo que pode acarretar sérios danos a saúde do trabalhador dentre eles, esgotamento por um trabalho pelo trabalho.

Mas, chegamos até aqui consciente de que este texto não é o único a tratar do tema, produtivismo acadêmico, porém essas reflexões relacionando esse fenômeno com o conceito de alienação tal como apresentado aqui não visam esgotar esse tema em virtude da sua amplitude e das determinações sociais envolvidas nele, mas esperamos que ele sirva para considerar a possibilidade de se abrir o debate em torno dessa temática e por outro lado repensarmos a escrita acadêmica como um



trabalho que tenha produção de desejo, produza sentido para aquele/a que realiza, traga consigo um exercício dialético e para além disso, tenha relevância social.



REFRÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **A batalha de Carlitos: trabalho e estranhamento em Tempos Modernos de Charles Chaplin**. Revista de História, Cultura e Arte, Uberlândia, v. 7, n. 10, jan. a jun. 2005. Disponível em: dialnet.unirioja.es acesso em; 29-07-2025.

BIANCHETTI, Lucídio, et al. **Publique, apareça ou pereça: produtivismo acadêmico, pesquisa administrativa e plágio nos tempos da cultura digital**. / Lucídio Bianchetti, Antônio A. S. Zuin, Obdália Ferraz. - Salvador: Edufba, 2018.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Edições Afrontamento, maio de 1975.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

Fonte: https://www.educabras.com/redacao/pormenor/vestibular/redacao_uesb_2013. acesso em: 25/07/2025.

Fonte: Tempos modernos. <https://www.google.com/search?sca>. acesso em; 28-07-2025.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

FREITAS, Luís Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. / Luiz Carlos de Freitas. --1. ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**, 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1976.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos: terceiro manuscrito**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia** / Dermeval Saviani. - Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2008. - (Coleção educação contemporânea).

SERRA, J. M. P. **Filosofia e ciência**. Covilhã, luso Sofia: press, 2008.

TEIXEIRA, A.S. **Educação e Universidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

TEIXEIRA, A.S. **Educação e o Mundo Moderno**. Companhia Editora Nacional. S. Paulo. 1977.